

**Originalmente publicado em:** (Outubro 2008) *Actas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho.

# A recepção da obra para a infância e juventude de Afonso Lopes Vieira na comunicação social e nos manuais escolares, na 1.ª metade do século xx

Cristina Nobre\*

## RESUMO

Afonso Lopes Vieira foi pioneiro na abertura do cânone moderno e contemporâneo da literatura infantil e juvenil em Portugal, com as obras *Animais Nossos Amigos* (1911), *Canto Infantil* (1912) e *Bartolomeu Marinheiro* (1912), a que se seguiriam outras, durante o primeiro quartel do séc. xx. Com esses textos, inaugurava-se a modernidade do género, pela interacção da palavra literária com a ilustração e com a música, inovações a que Lopes Vieira dará continuação, com algumas tentativas dramáticas destinadas ao público infantil, e com a produção do primeiro filme para crianças, intitulado *O Afilhado de Santo António* (1928).

A recepção desta obra foi feita pela comunicação social da época, num acompanhamento que mostra o interesse despertado na opinião pública, e que, nalguns casos, é hoje a única notícia de reconstituição dos acontecimentos culturais ligados aos textos produzidos.

Também a pedagogia oficial, sobretudo a partir do Estado Novo, se serviu deste cânone, introduzindo-o e dando-lhe uma projecção grande nos manuais oficiais e recomendados com carácter de obrigatoriedade. De certo modo, esta divulgação pedagógica, que fez um aproveitamento ideológico dos textos, terá contribuído para o apagamento da obra de Afonso Lopes Vieira do cânone actual.

## ABSTRACT

Afonso Lopes Vieira was a pioneer in the emerging of the Portuguese children literature's modern and contemporary cannon, with the books *Animais Nossos Amigos* (1911), *Canto Infantil* (1912) and *Bartolomeu Marinheiro* (1912), followed by some others during the first quarter of the xx century. With these books arrived the modernity of the genre, mostly for the interaction of the written words with illustration and music, innovations that Lopes Vieira developed with dramatic texts for the young public, and with the production of the first movie for children, *O Afilhado de Santo António* (1928).

The reception of this works was made by the social communication, in a straight relation that shows the interests of public opinion and, in some ways, turns out to be, nowadays, the unique press text capable of reconstructing the cultural happenings related to those texts.

So did the official pedagogy, especially since the Estado Novo, make use of this cannon, putting it in and projecting it mainly in the official student books, mostly considered obligatory. This ideology utilisation of his books played a role in the forgetfulness of Lopes Vieira's works from the present cannon.

## 1. Introdução

Em 4 de Fevereiro de 1912, no jornal *A Capital*, aparecia um longo e polémico artigo de Afonso Lopes Vieira, intitulado «As nossas creanças», acompanhado da reprodução de um desenho inédito de Raul Lino com um projecto de escola primária.

\* Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria / CIID ([cnobre@esel.ipleiria.pt](mailto:cnobre@esel.ipleiria.pt)).

Em larga medida, a escrita do artigo parece ter sido induzida pela tristeza resultante da inconclusiva visita de cortesia feita pelo escritor e pelo arquitecto ao Presidente da República de então, Manuel de Arriaga, para lhe oferecerem um exemplar dos *Animais Nossos Amigos*, publicado no Natal do ano anterior, e para o convencerem a implementar a construção de escolas primárias segundo o modelo tradicionalista e regionalista que o desenho de Raul Lino permitiria concretizar<sup>1</sup>.

A uma fase de euforia construtiva, o escritor reagia criticamente, incomodado com a distância a que o implemento de medidas concretas para a educação nacional ficava do ideal – a «crença profunda» demonstrada nas crianças, «unicos cidadãos immaculados» da terra portuguesa. Vale a pena recordar as quatro teses em que o seu pensamento se vai expandir – embora o autor soubesse que corriam «o risco de parecer dogmáticas e pedantes» (Vieira, 1912c) – sobretudo por tudo aquilo que nelas transparece de diálogo com o queixume de Eça de Queirós na bastante conhecida *Carta de Inglaterra* dedicada à «Literatura de Natal». Nesse texto, Eça dava-se conta da ausência de uma literatura dedicada à infância em Portugal e do pouco cuidado dispensado no nosso país às questões educativas relativas à infância<sup>2</sup>. Leiam-se as teses de Lopes Vieira como uma tentativa de resposta às feridas apontadas pelo atento Eça, no final do séc. XIX:

1.º – *As creanças portuguezas, possuindo uma intelligencia vivissima e uma aptidão brilhante, auctorisam-nos a esperar os mais brilhantes resultados – desde que dediquemos a mais carinhosa attenção ao problema da sua educação. Urgia, para isso, que uma larga iniciativa particular despontasse, e que o Estado se não empenhasse em a desanimar. Não nos preocupemos, pois, com os adultos. Para não perdermos tempo!*

2.º – *Criar-se-hia uma divida especial, destinada á educação infantil (comprehendendo instrucção primaria, maternidades, jardins de infancia, etc.), com inscripção á parte no orçamento. Inutilizar-se-iam todas as escolas do Estado, e construir-se-iam, empregando os materiaes proprios de cada região, outras tantas e muitas mais escolas do tão lindo typo indicado na gravura, desenho inedito, original do architecto Raul Lino. Construidas, seria preciso decoral-as, florindo-as e pondo nas suas paredes, em vez de mappas gordurosos, pendurados*

<sup>1</sup> Virgínia de Castro e Almeida escreve uma «Chronica Literária» em que, julgamos, se refere a esta desilusão como uma motivação para o desencadear de um programa virado para a vertente educativa das crianças: «Imagino que esse artigo [«As nossas creanças»?] foi dictado pela reacção do seu espirito depois da grande tristeza causada pelo que, a pouco e pouco, lhe pareceu o desabar de um sonho [...] Perdeu a fé nos que dirigem os nossos destinos e voltou-se, todo fremente, para o futuro. [...] E o poeta (cuja patria era o mundo e cuja bem-amada era a Natureza) renuncia de repente aos seus extasis em frente do infinito e curva-se cheio de solicitude e de amor para as creanças da sua terra.» (Almeida, 1912)

<sup>2</sup> O texto de Eça é sobejamente conhecido, mas talvez valha a pena recordá-lo nos pontos que mais directamente nos interessam: «A França possui também uma literatura tão rica e útil como a de Inglaterra; mas essa Portugal não a importa: livros para completar a mobília, sim; para educar o espirito, não. § A Bélgica, a Holanda, a Alemanha, prodigalizam estes livros para crianças; na Dinamarca, na Suécia, eles são uma glória da literatura e uma das riquezas do mercado. § Em Portugal nada. § Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura. § Isto é tanto mais atroz quanto a criança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa. Em geral, nós outros os portugueses só começamos a ser idiotas – quando chegamos à idade da razão. Em pequenos temos todos uma pontinha de génio: e estou certo que se existisse uma literatura infantil como a da Suécia ou da Holanda, para citar só países tão pequenos como o nosso, erguer-se-ia consideravelmente entre nós o nível intelectual.» (Queirós, n. d.: 526)

*nos pregos ferrugentos, a alegria dos chromos e dos frizos, preparando assim as gerações futuras para a maior alegria que um bom latino pode gosar, – a admiração –, e para que venham a tratar com menos selvageria do que seus maiores as paisagens e as coisas bellas da sua grey.*

3.º – *Importar-se-hiam dos paizes mais cultos professores idoneos para nos ensinarem a risonha disciplina que nos falta, e a precisão dos seus methodos, que desconhecemos.*

4.º – *Crear-se-hia um partido pedagogico ou infantilista, – o que mais razão de existência viria a ter, – e seria o d’aquelles cujos habitos de independencia espiritual lhes não permitem que militem n’outro, – o d’aquelles que nas creanças confiam, para ellas trabalham e d’ellas esperam; o partido dos que preferem mil vezes a historia das amoras a tantas outras historias, por equal phantasistas, – mas muito menos graciosas.» (Vieira, 1912c)*

Lopes Vieira aparece nestas duras palavras como um crítico atento ao seu próprio tempo, pois não se fica pelo simples lamento de uma situação deplorável em termos educativos, mas procura indicar alguns caminhos pragmáticos de intervenção – entre os quais, o da irónica proposta da criação de um partido *infantilista*, pode ser vista como uma reacção construtiva à proliferação estéril das agremiações políticas durante a 1.ª República – que permitiriam uma regeneração do sistema educativo e, com ele, um «desabrochar da *alma moderna* que nos falta» (Vieira, 1912c). Em 1916, não tinha ainda desistido destes intentos e escreve uma carta ao Presidente da Sociedade dos Estudos Pedagógicos, submetendo-lhe um projecto de decoração de Escolas primárias portuguesas, de inspiração *nacional* e *regional*, que procurava ao mesmo tempo enaltecer a Pátria e glorificar as indústrias tradicionais e domésticas. Numa visão estética da sala de aula, preconizava uma decoração em que se empregassem os produtos e objectos característicos das indústrias regionais, o que, além de criar um ambiente propício, transformaria as escolas em *museus populares*, afirmativos de uma paisagem específica e do carácter das gentes que a povoavam<sup>3</sup>. Para que o sentimento da *unidade nacional* não fosse descurado, sugeria uma visualização simbólica do cânone da portugalidade (recriado durante grande parte da sua produção escrita), naquilo que podemos ler como uma emblematologia da poética de Lopes Vieira<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Agostinho de Campos escrevia uma crónica para o *Comércio do Porto*, em 5 de Julho de 1916, intitulada «Escola e Região», em que dava conta da importância deste projecto de Afonso Lopes Vieira e das realizações concretas que teve, numa clara demonstração da exequibilidade de alguns dos seus intentos educativos: «Para dar corpo ao pensamento do poeta, vai realizar-se dentro de pouco em Lisboa uma exposição de algumas aulas, ornamentadas segundo o modelo que elle concebeu e alvitrou. § E muito bom seria que esta iniciativa fructificasse amplamente por todo o paiz, não só para embelezar as aulas e educar as creanças, mas para nos aproximar de um objectivo de maior alcance nacional, como era decerto o ressurgimento e o aperfeiçoamento de tantas manifestações de arte popular espontanea, que se tem desprezado ou perdido, e até a criação de novas fórmulas, da actividade esthetica do povo, de accôrdo com os recursos da natureza regional. [...] O nosso ensino primario ou technico, burocratisado e centralizado pelo absolutismo sufocante em que temos vivido, e continuamos a viver, é incapaz de reanimar a vida local que elle proprio abafou, e assim vai adiando para nunca mais a organização da verdadeira escola do povo: a que chega a Realidade partindo da Região, em vez de attingir apenas o Orçamento pela via do Terreiro do Paço.» (Campos, 1916)

<sup>4</sup> Eis as propostas: «Em todas as aulas se afixará um painel de azulejo com a imagem de Camões, encimada pelas Armas de Portugal. [§] Emmolduradas segundo um modelo estabelecido, serão dependuradas na parede as gravuras dos Painéis de São Vicente. Sobre a mesa do professor, colocar-se-hão uma ou duas reduções de esculturas de Soares dos Reis. Na realização dêste projecto ouvir-se-hão os directores dos museus provinciais. A Sociedade de Estudos Pedagógicos deverá organizar em Lisboa uma exposição de três modelos da decoração projectada: – tipo de campo ou planície, de serra e marítimo.» (Vieira, 1922b: 288)

Para ficarem devidamente enquadradas, as teses e as propostas de Lopes Vieira, bem como as dos seus companheiros de geração<sup>5</sup>, devem relacionar-se não apenas com as referidas e mordazes críticas de Eça de Queirós, mas com todo um programa de índole educativa e reformista, protagonizado pela anterior geração literária, de que são modelos exemplares Garrett, Herculano, Antero de Quental e Castilho, cada um à sua maneira conscientes da importância básica da educação na consolidação de um regime progressista e verdadeiramente democrático. Simplificando, podemos dizer que os habitava uma fervorosa crença na possibilidade de regeneração operada pela educação, e todos eles dissertam sobre temas educativos e acabam por subordinar «toda a sua produção literária a uma elevada missão cívica de pedagogia literária e social, reconhecida e louvada pelos seus contemporâneos, que os consideram como mestres que lhes inculcam lições exemplares» (Ferro, 1984: 639).

A partir de 1907, as inovadoras ideias pedagógicas de João de Deus tinham-se consubstanciado nos planos de construção de escolas para implementação da *Cartilha Maternal*. Várias entidades colaboraram com entusiasmo na angariação de fundos para a construção do primeiro Jardim-Escola João de Deus, merecendo destaque o Orfeão Académico, dirigido por António Joyce. Também Lopes Vieira encontra nesta causa um ideário com o qual se identifica e no qual participa activamente. O produto da venda da sua conferência de 1910, «O povo e os poetas portugueses», destina-o à Escola-monumento João de Deus, em Lisboa<sup>6</sup> e oferece o poema «As Gaivotas», então inédito, para ser incluído no folheto comemorativo *Festival para o Jardim-Escola João de Deus em Coimbra*. Oferece um soneto inédito «A João de Deus» (Vieira 1911a), publicado pela editora França Amado em Abril de 1911, como colaboração pessoal para a inauguração do Jardim-Escola, em Coimbra. Aí se enaltece o poeta e a sua Cartilha, mas sobretudo o ideal de pureza contido nas crianças, potenciais construtores de um outro Portugal: *Em João de Deus amemos as esperanças / melhores que temos – pois são as crianças / que inda hão de fazer belo Portugal* (Vieira 1911a: f. 3).

É à procura dessa esperança ou promessa dum Portugal outro, diferente do descaracterizado e desnacionalizado mundo adulto, que Lopes Vieira se posiciona apaixonadamente, perante uma nova demanda, desta feita por amor das crianças portuguesas. Como ele, outros autores de renome da época participam na colecção da *Biblioteca das Crianças*, organizada por Marques Júnior, e publicada entre 1898 e 1919: Sousa Viterbo, D. Carolina Michaëlis, Teófilo Braga, Albino Forjaz de Sampaio, Júlio Brandão, D. João de Castro, Gomes Leal. Ester de Lemos, num estudo pioneiro sobre a literatura infantil em Portugal, considera este período fundamental no desenvolvimento e aceitação das produções para crianças como um género autónomo e importante:

<sup>5</sup> Veja-se, a título de exemplo, as *Cartas sobre a Educação Profissional*, de António Sérgio, de 1916, na *Renascença Portuguesa*. Aí encontramos ideias muito semelhantes às de Afonso Lopes Vieira, embora a proposta de A. Sérgio contenha todo um plano curricular, com objectivos, conteúdos, estratégias e actividades, organização dos tempos lectivos, para aquilo que hoje designamos por educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico – proposta que continua a fornecer respostas interessantes às modernas investigações sobre o desenvolvimento infantil. Também João de Barros, em 1911, dava à estampa *A Nacionalização do Ensino*, onde reunia grande parte das suas intervenções na fulcral questão pedagógica, tal como foi entendida pelos idealistas da República.

<sup>6</sup> Leia-se a seguinte informação, retirada de um jornal da época: «e a conferencia deve constituir uma brochura que brevemente será posta á venda, destinando-se o seu producto ás Escolas Moveis.» (AN, 1910d)

*Apesar do interesse comercial que já começava a apresentar, a literatura infantil era considerada – e sê-lo-ia por algumas décadas ainda – não como subgénero ou, antes, literatura menor, mas como trabalho de maior projecção e nobreza – uma espécie de cruzada, na qual se honravam de participar os espíritos mais graves e mais cultos. (Lemos, 1972: 18)*

Sobre essa nova cruzada de Lopes Vieira, a obra escrita consciente e empenhadamente para a infância e juventude, procuraremos delinear um processo de amadurecimento que parte da poesia como música, onde se canta a natureza em geral e a natureza de Portugal (Camões e os Descobrimentos, Gil Vicente, Santo António), para chegar à restituição da força anímica de cavaleiro andante, modelo ideal a fazer frutificar dentro de todos os rapazes portugueses. O processo de escrita envolvido neste bloco do programa de intervenção do escritor evidencia uma linha etária diferenciada de destinatários: começando na mais tenra infância, quando a poesia é ainda a voz cantada da mãe, dos avós, ou dos educadores, para chegar até à mocidade, em busca de referentes e modelos de acção cívica para o futuro.

## 2. Os Animais Nossos Amigos

Os primeiros livros destinados a um público infantil vão surgir num momento em que o desenvolvimento do género, à semelhança do que se passava noutros países europeus, era visto como essencial para uma educação completa e satisfatória das crianças. Luis da Câmara Reys, num artigo de recensão sobre *Animais Nossos Amigos*, apresenta uma síntese elucidativa a respeito do clima que se vivia em Portugal e da situação em que se encontrava o meio literário da época:

*A litteratura infantil tem sido pouco cultivada no nosso meio. A nossa burguezia, até ha pouco muito atrazada, e os ricos, dando aos filhos uma educação á franceza ou á ingleza, não favoreciam o cultivo da litteratura infantil nacional, desconhecendo-a uns, indo outros buscar os livros de brindes ás edições Hetzel ou Hachette. São meia dúzia de nomes, apenas, até hoje, os de escriptoras e escriptores que tenham carinhosa e inteligentemente escripto para as crianças, dando aos seus contos, ás suas narrativas e ás suas poesias as illustrações ingénuas e subtis que tanto deliciam os pequenos. (Reys, 1911)*

Desde o início, pois, esta arte para crianças aparece inextrincavelmente ligada à existência de um texto e às ilustrações que o servem, transformadas numa das maiores motivações para a leitura. Mais tarde, juntar-se-á ao texto e à imagem a música, aquilo a que Vieira da Natividade chamará «essa trindade bemdita de poesia, desenho e musica, isto é do sentimento, da forma e da cor» (Natividade, 1912). Também Hipólito Raposo, num artigo intitulado «Palavras ao vento. Presente do Natal», se refere às palavras inaugurais de Eça sobre o género da literatura infantil e considera o aparecimento de *Animais Nossos Amigos* (Vieira, 1911c) como a primeira resposta à altura dos desejos do mestre:

*Em verdade, se aprender a ler tem sido em Portugal para a maior parte das crianças uma tortura, ler com prazer rarissimos o teem feito, porque os livros são impossiveis. § Ou muita erudição ou muita historia, tirada dos melhores classicos, rigidas sentenças de moral, discursos magnificos que fatigam, saber e exemplos que aborrecem... § Livros simpaticos que as crianças amem, levem para a mesa, para a cama, para a rua, eu não conheço outro, além deste que lhes falo. [...] Nem os autores esperam recompensa que seria legitima e merecida pelo bem que fizeram, criando esta obra de arte; e, se Eça de Queiroz, pelas suas palavras de estímulo à gente do Brasil, preferia a tudo «que um só bebé se risse e fosse alguns minutos feliz,» os autores dos Animais Nossos Amigos, devem julgar-se amplamente recompensados. (Raposo, 1911)*

O programa para a infância de Lopes Vieira inaugurara-se, efectivamente, com *Animais Nossos Amigos*, publicado pela primeira vez no Natal de 1911, para não fugir à classificação festiva, designação ligada por Eça ao género: *literatura de Natal*. Mas a verdade é que essa 1.<sup>a</sup> edição, com ilustrações de Raul Lino – que tão rasgados elogios recebeu da crítica da época, ainda cheia de preconceitos educativos – corresponde, afinal, a um mais longo trabalho de pensamento com vista a naturalizar a nossa poesia nas suas raízes ancestrais. Sem se esquecer de referir trabalhos pioneiros no campo da literatura infantil, igualmente dignos de apreço, como os de Virgínia de Castro e Almeida, Ana de Castro Osório ou António da Costa, João de Barros enquadra *Animais Nossos Amigos* no âmbito de uma literatura nacionalista:

*Nos Animaes Nossos Amigos colhem também as creanças, além da lição de arte e de pantheismo que em todas as suas paginas sobresahe, uma nobre lição de optimismo, tão necessaria ás nossas gerações decadentes: – porque ensinar a amar a Vida, em todas as suas fórmias, a respeitá-a e a admirá-a, é destruir ao mesmo tempo os germens de morbido scepticismo que o passado nos legou, e que, se não se extinguirem por completo, tornarão impossivel aos nossos filhos uma existencia forte, orientada e energica. (Barros, 1911a)*

Em *Animais Nossos Amigos* há uma apresentação de oito gravuras de animais, todas elas exemplarmente comprovativas de que os cães, os gatos, os burros, os bois, as abelhas, os sapos, os passarinhos e até os lobos – uma inovação substancial para a educação da época, daí que nem todos os pedagogos aceitassem este exemplo de franciscanismo com a mesma facilidade<sup>7</sup> – devem ser estimados e acarinhados, porque a sua amizade e dedicação ao homem é ímpar. No retrato de cada uma destas personagens sobressai a musicalidade com que o todo nos toca – e não já porque seja necessário obrigar as crianças a memorizar as lições dos velhos manuais da Língua Portuguesa, mas porque as

<sup>7</sup> Em oposição a João de Barros, alguns críticos quiseram ver no aparecimento do lobo uma marca das grandes reivindicações sociais: «Toda a resolução do problema social aqui está contida em forma talvez um pouco rude mas absolutamente nitida para espiritos rudimentares. Instrução, assistência, aposentações, associação, seguros, mutualidade, cooperativismo, todas as aspirações nobilissimas da sociedade moderna de que o lobo feroz tem fome e que por toda a parte se procura saciar, n'um impeto de igualdade, de fraternidade... Dessa fraternidade humana que Jesus Cristo revelou ao mundo e que, pouco a pouco, penetrou a democracia.» (Castro, 1911, apud *Remembrancha*, vol. I, f. 64r)

condições para a memorização foram conseguidas através de variados processos, entre os quais convém destacar a presença do refrão:

*O cão, / que faz – ão, ão, ão, / é bom amigo como os que o são! (Vieira, 1911c: 9)*  
*O gato, à sua janela, / ao Sol, que brilha fulgindo, / vai dormindo, / vai pensando e vai sonhando. (idem: 23)*

Outro processo mnemónico é a utilização da construção paralelística, à maneira das cantigas trovadorescas, como é evidente, por exemplo, nos poemas «O Burro» (*idem*: 31-37) e «Os Bois» (*idem*: 41-47). Essencial para uma memorização mais fácil é a *finda*, remate de sabor particular com que terminam alguns poemas:

*E por onde os bois lavraram, / as fontes frescas brotaram, / as árvores verdejaram,  
 / os passarinhos cantaram, / as flores lindas floriram, / os campos cresceram / e os  
 homens sorriram!... (idem: 46-47)*

As glosas, com que vai torneando o mesmo mote, e a introdução do discurso directo, com a coloquialidade e dramatismo daí resultantes, transformam-se num meio eficaz para a aprendizagem rápida dos poemas, permitindo declamações de grande efeito retórico:

— *Que rico cheiro! É um regalo!... (idem: 52)*  
 — *Vê lá se cais! / Por aqui, por aqui, por este lado, / devagarinho, / que tu és um  
 passarinho / muito pequeno! / Cuidado!... (idem: 66)*  
 — *Ó lobo, muito mal fazes / em levar... Vida tão má!... (idem: 74)*

Por último, a alternância entre o verso longo e o verso curto, que é uma constante em alguns poemas, em muito contribui para a criação de um ritmo e harmonias que são facilmente assimiláveis pelas crianças, pois se encontram ajustados às suas capacidades de descodificação, sensíveis às repetições e aos contrastes fortes. Fazendo uma interpretação da poesia «Os Bois», em que lhe realça o valor pedagógico, Lobo de Campos elogiará, resumindo um largo caudal de aceitação pelos pedagogos de então, as potencialidades de utilização em contexto educativo das poesias de Lopes Vieira:

*A admirável geórgica – Os Bois – que começa por uma elegia arrastada e melancólica e termina num hino de vitória e de glória em louvor da terra e do trabalho que a floresce. [...] perfeita beleza, feita de sentimento da paisagem, de carinho pela Terra, de amor pelos que a trabalham e povoam – e tudo isto envolvido numa tão formosa música de palavras que só por si afirmaria toda a infinita graça da nossa língua [...] (Campos, 1922: 18).*

Assim ficam enumeradas algumas das características responsáveis pela espontaneidade dos poemas de *Animais Nossos Amigos*, porque se servem das palavras naquilo que têm de mais puro – o equilíbrio com a música e a exploração da vertente do significante. Efectivamente, neste livro, a arte da sugestão auditiva chega até um

limite em que as rimas cruzadas e as assonâncias, sinestésias e onomatopéias são o fulcro da própria poesia. Garcia Barreto, um crítico dos nossos dias, considerando o ideal republicano de instruir e formar divertindo, distingue *Animais Nossos Amigos* de outros livros da mesma época, pois, segundo ele, conseguem conciliar a vertente lúdica, sem «ser necessariamente oca de sentido», com uma «linguagem terna» e versos com «uma toada própria, muito sugestiva» (Barreto, 1998: 33). Natércia Rocha, ao fazer uma resenha da literatura para a infância em Portugal, inclui os livros de Lopes Vieira num primeiro e inaugural período, que vai do século XVIII até 1920, dominado pela poesia e pelas histórias tradicionais, e com bastantes traduções, período do qual poucos são os livros que ainda conservam alguma actualidade. Na opinião desta autora, *Animais Nossos Amigos*, «a charming book of verses» (Rocha, 1998: 731), continua entre esses poucos. Ester de Lemos considerava assegurado para «essas poesias para meninos um lugar definitivo na história da nossa literatura infantil» (Lemos, 1972: 24).

Não nos admiramos de que, nesta mesma fase, Lopes Vieira escreva as *Scenas Infantis* (Vieira, 1915), para acompanhar a música de Schumann – duas vertentes de uma mesma essência lírica, para a qual o lirismo é sinónimo de música das palavras dialogadas, cantantes – «depois da escrita para crianças, a escrita à cerca das crianças» (Campos, 1922: 15). Mas é precisamente nesta indistinção entre uma poesia para crianças e uma poesia sobre crianças, que o trabalho de *Animais Nossos Amigos* deve ser destacado. Há, entre o final do século XIX e o início do séc. XX, uma desadequação entre os propósitos de reflexão teórica dos escritores voltados para a infância e a produção publicada com esses fins. O próprio Lopes Vieira tinha sido sensível a essa diferença, e fez uma dura crítica a Maria Paula de Azevedo, pseudónimo de Joana Folque do Souto, por esta não ter conseguido «fazer literatura em História de Portugal para os Pequenininos: Os grandes portugueses» (1913).

Morag Styles, especialista em literatura para a infância contemporânea, considera essa ambiguidade do género «poesia para crianças» como uma característica persistente nos nossos dias:

*I am tempted to say that there is no such thing as poetry for children. There is plenty of poetry about children; and some of the best poetry ever written is about childhood; at some time or other most poets explore that inviting furrow – their own youth and growing up. A great body of the so-called canon of children's verse was never intended for the young at all, but was verse which adults thought suitable for children. The gatekeepers of the canon are the anthologists.* (Styles, 1998: 190).

O livro de poesia de Lopes Vieira aparece, assim, como uma excepção à regra – *Animais Nossos Amigos* foi escrito para crianças, não apenas pela linguagem escolhida, tocante pela sua simplicidade, mas também pelo conteúdo ecologista *avant-la-lettre*. A própria temática dos animais é uma das mais apropriadas para o desenvolvimento infantil, e a utilização didáctica das fábulas com personagens animais, como modo de veicular mensagens sobre a vida, é sobejamente conhecida. Compreende-se, por conseguinte, o êxito deste livro, que foi traduzido para espanhol em 1920, por Ribera-Rovira e Fernando Maristany, e que Philéas Lebesgue tinha traduzido para francês em 1911 (embora a edição



nunca se viesse a concretizar), assim como se encontra documentada a tentativa de uma tradução alemã. Em 1931 aparece uma nova edição – a 2.<sup>a</sup> portuguesa – «realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias», com ilustrações de Maria de Lurdes. Essa era a marca da adoção institucionalizada pelo Ensino Oficial de então, que se serviu desta obra, bem como da que se lhe seguiria – *Bartolomeu Marinheiro*, no Natal de 1912 –, que também teve uma 2.<sup>a</sup> edição, póstuma, em 1955, para «as Bibliotecas das Escolas Primárias».

A pedagogia oficial rendia-se aos encantos da obra de Lopes Vieira e procurava encontrar nesta naturalização e humanização dos animais e na epopeia dos Descobrimentos lemas facilmente memorizáveis para a transmissão de uma ideologia, que acabou por limitar grandemente o projecto, desejado humanista pelo poeta-pedagogo. Estas duas obras tornam-se instrumentos educativos ao serviço de uma causa ideológica. Tornam-se o catecismo que enuncia os valores de um regime político e do respectivo *modus vivendi*. Desde o início, Lopes Vieira teve consciência do papel eminentemente educativo a desempenhar por estes livros, mas recusou-se sempre a deixar que eles perdessem a qualidade estética essencial em toda a sua poética. Num apontamento manuscrito deixa esta importante reflexão, bem demonstrativa das preocupações que sentia com a literatura para a infância: «É forçoso fazer renascêr a poesia didáctica – em bases puras de estética.»<sup>8</sup>

O sucesso, alcançado pelas poesias para criança, deixava-o verdadeiramente orgulhoso<sup>9</sup>, a ponto de se julgar o cumpridor do programa delineado por Eça:

*A minha abstenção dos cargos e dos negócios, e também o caso de não ter filhos, o que me fez talvez escrever para os filhos dos outros os primeiros livros que alegraram as crianças portuguesas, e me conferiram aquela glória que Eça de Queiroz ambicionava por suprema – o sorriso dos pequenos. (apud Campos, 1925: XIII).*

Ainda em 1942, numa das suas «Breves notas dum estudante da Língua», mostrava-se, com ironia, pasmado com a abundância que o género da literatura infantil ia adquirindo, em detrimento da qualidade:

*41. Eis-me pasmado com a abundância da nossa literatura infantil! Donde vem tal pasmo? Mas de me lembrar das crises de consciência que me assaltam quando escrevo para êsse público, a começar no escrúpulo da linguagem que se deve propor a tais olhos que a lêem ou a tais ouvidos que a escutam. Ora! Afinal é mais fácil do que eu cria. (Vieira, 1942: 305)*

Uma prova mais dessa autoconsciência são as ofertas que fazia dos livros às escolas que visitava<sup>10</sup>, o que não deixa de ser uma hábil maneira de se ir introduzindo no cânone

<sup>8</sup> Este apontamento fragmentado encontra-se no espólio, integrado num conjunto maior de outros fragmentos (vd. Nobre, 2005, II: 305).

<sup>9</sup> Num apontamento manuscrito (Dez. 1911) regista o contentamento sentido com o sucesso de *Animais Nossos Amigos*: «As crianças amam os meus versos dos Animaes. É a glória!» (vd. Nobre, 2005, II: 361)

<sup>10</sup> O *Diário da Madeira*, durante uma visita de Afonso Lopes Vieira ao Funchal, no ano de 1913, refere-se a uma «Gentileza do Poeta»: «Consta a lembrança de seis volumes do mimoso livro, em verso, [*Bartolomeu Marinheiro*] com que o eminente lyrico deseja premiar, á nossa escolha, as seis melhores escolas de instrução publica primaria, d' esta ilha.» (AN, 1913i)

escolar, procurando modificá-lo com as inovações que introduzira no género. Assim, o texto de apresentação, que correu impresso, sobre *Animais Nossos Amigos*, é um claríssimo documento de reflexão teórica, e mostra como Lopes Vieira estava perfeitamente consciente das inovações que este texto trazia e que o deveriam situar como inaugural<sup>11</sup>. Nesta mesma área, é interessante registar que alguns dos mais destacados poetas nossos contemporâneos, como Sophia Andresen, Vitorino Nemésio ou Ruy Cinatti, cresceram a ouvir (e a decorar) os textos de Lopes Vieira para a infância<sup>12</sup>. Em 1946, logo a seguir à morte do escritor, Rogério Martins escrevia um artigo jornalístico intitulado «A Afonso Lopes Vieira... das crianças portuguesas», onde resumia, num laudatório *post mortem*, a dádiva intelectual de toda uma geração, educada nos princípios de *Animais Nossos Amigos*:

*E nunca me esquecerei – e quantos jovens não há que me acompanham? – que foi ele o escritor que primeiro nos falou, através da poesia, das Verdades eternas e basilares da nossa formação e de nossa cultura – Deus, Família, Pátria, Nacionalismo, Santidade, Heroísmo; o que primeiro nos pôs em contacto com as virtudes do Bom Povo Português, o que primeiro nos soube inculcar o amor pelas coisas belas e a bondade para com os animais nossos amigos... (Martins, 1946: 4)*

<sup>11</sup> Aí pode ler-se: «Este livro sae inteiramente dos moldes habituaes das publicações portuguesas para crianças, e podemos afirmar sem receio que elle abre, como livro de arte para a infancia, um caminho novo em Portugal. As suas paginas encerram lições de bom gosto. As poesias, de facil assimilação, interessam os pequenos leitores, sugerindo-lhes noções em ritmos variados. As ilustrações, alegres e decorativas, completam lindamente a leitura. Cremos que o publico saberá corresponder a esta sincera tentativa, para o brilho da qual autores e editores, tendo em vista produzir uma obra nacional, se não pouparam a esforços e sacrificios, porque ella inicia entre nós um dos mais bellos e carinhosos ramos da literatura artistica moderna.» Existe um exemplar desta folha de apresentação no espólio da BML (BML, A2, n.º 32096).

<sup>12</sup> Em carta datada de 22 de Fevereiro de 1928, D. Thomaz de Mello Breyner conta a Afonso Lopes Vieira a paixão com que a sua neta, Sophia, decorara os versos de *Bartolomeu Marinheiro*: «Hontem à noite a minha neta Sophia Andresen disse o Bartolomeu Marinheiro sem lhe faltar uma palavra. Quando ella fôr a Lisboa hade ouvi-la.» (BML, *Cartas [...]*, vol. IX). Em carta datada de 29 de Dezembro de 1923, Vitorino Nemésio refere-se às recordações que lhe ficaram da leitura de *Animais Nossos Amigos*: «ANA é uma das imaginarias que ficaram mais vivas e gratas na minha memória, desde que em criança fizeram as minhas delicias; e concordo plenamente com o Dr. Joaquim de Carvalho quando diz, que não é fácil encontrar nas literaturas da Europa um livro com a rara beleza dêsse de V. Ex.ª.» (BML, *Cartas [...]*, vol. VII). Treze anos depois, em 30 de Junho de 1936, Nemésio refere-se às leituras que o seu filho Jorge, então com 7 anos, fez dos livros infantis de Afonso Lopes Vieira, e junta uma carta com um pedido deste: «o rapazinho leu os seus livros infantis e falou disso. A mãe respondeu-lhe que se lhe apeteçiam mais coisas no género e pela mesma pessoa, não tinha mais do que escrever o que veio a escrever ao autor, – por simples desabafo, evidentemente. Desculpe a cedilha de “Afonço” ao rapaz». Seguia-se um autógrafo do petiz: «S. D. Afonço Lópes Vieira: / Eu já li O Barto Lomeu Marinheiro e li também os Animais Nossos Amigos mas ainda gostei mais do Barto Lomeu Marinheiro. Mas também gostei muito dos Animais Nossos Amigos. Porque é que não fás mais para os meninos e tambem para mim. / Jorge Monjardino Gomes Nemésio.» (BML, *Cartas [...]*, vol. XIV). No volume, *Cadernos de Poesia*, de 1941, Ruy Cinatti escrevia na dedicatória: «Ao Senhor doutor Afonso Lopes Vieira, / louvando no Bartolomeu Mari-/ /nheiro, e nos Animais nossos / Amigos, o Poeta que primeiro / me ensinou a amar a Poesia, / com a grata admiração de / Ruy Cinatti / Abril 1941 / Sabado de Aleluia.» (BML, B-E-1-4-6447)

### 3. *Bartolomeu Marinheiro, Canto Infantil*, dois textos dramáticos para a infância, uma incursão pelo cinema para a infância, modelos para a juventude e outros projectos para a infância

Para o contexto de renovação nacionalista que se vivia, *Bartolomeu Marinheiro* vinha preencher um vazio educativo com «um pedaço de historia e de lenda posto em verso», como dizia um crítico de então, que considerava:

*O Bartolomeu Marinheiro é uma grande obra social e o seu nacionalismo é tanto que a gente, depois de o lêr, parece que se sente um pouco mais apegado a este lindo torrão, que teve homens como o audaz navegador da Flôr do Mar e que ainda tem poetas como Afonso Lopes Vieira para ensinar ás crianças a amal-os e a conhecel-os. (AN, 1912rr)*

*Bartolomeu Marinheiro* é a epopeia dramática – em cinco partes – do nosso Bartolomeu Dias, que venceu o «Gigante Adamastor» e que abriu o caminho à vastidão do pensamento experimental, como tão bem documenta esta fala de Bartolomeu: *Podem lá passar sem medo, / que o Gigante Adamastor / não é mais do que um penedo!* (Vieira, 1912a: 40). *Bartolomeu Marinheiro* serviu os propósitos daqueles que achavam que a missão do poeta, através da obra, era dar

*uma soberba lição de história e patriotismo (...) aos que amanhã hão de ser os portugueses dirigentes de Portugal. É a mais bela página de patriotismo que se tem escrito (AN, 1912rr);*

desiludiu profundamente Pessoa, que pensava que as crianças que o lessem seriam levadas

*ao antipatriotismo pelo inevitável desdém que um livro como o Bartolomeu Marinheiro leva a ter pelo navegador, que ali aparece vestido de bebé de Carnaval, cheio de fobias, por lhe terem sido metaforizadas na infância cousas como que um quarto escuro é logicamente terrível [...] (Pessoa, 1913: 193).*

Num artigo laudatório, publicado no periódico *Vitória*, um dia depois da morte de Lopes Vieira, a 26 de Janeiro de 1946, ainda é esta polémica que se chama ao palco do ajuste de contas final, querendo dar a vitória da resistência temporal a *Bartolomeu Marinheiro*: «A nossa mocidade não lerá nunca mais certos artigos de jornal, mas continuará a recitar o *Bartolomeu Marinheiro*.» (AN, 1946b: 7). Cada uma destas leituras antagónicas só está a ler um lado da obra – o que tem alguma coisa a ver com a sua própria ideologia, mas pouco com a estética da obra em si mesma. Significa isto que cada um de nós, em certos momentos, pode tornar-se surdo ao valor estético da palavra, para ouvir apenas a sua vertente ideológica. Hoje, ao lermos este livro, fazemo-lo com a mesma avidez com que sempre nos sentámos a ouvir histórias, e julgamos que é sobretudo por aí que o livro resulta e pode continuar a ocupar um lugar numa pedagogia que faça da narrativa

um instrumento de aprendizagem sobre as próprias estratégias discursivas colocadas em funcionamento pela escrita.

A acrescentar ao êxito de *Bartolomeu Marinheiro* e *Animais Nossos Amigos*, e por razões idênticas, temos o *Canto Infantil*, ilustrado por Raul Lino e musicado por Tomás Borba, com uma 1.<sup>a</sup> edição em 1912, uma 2.<sup>a</sup> em 1916 e uma 3.<sup>a</sup> em 1931. Este livro serviu uma série de gerações, como compêndio de aprendizagem das primeiras letras, e marcou de novo como que um retorno à poesia das origens e do natural. Assim acontece nos poemas-cantigas como «A Borboleta», «A Árvore», «A Rola», «Repiu-piu-piu», «Os Búzios», «A Oliveira», «O Sino», «Os Ninhos», «Rio Tejo», «Os Morangos», «As Estrelas», «O Lavrador», «A Lareira», «O Linho», «O Pastor», «O Pucarinho». O que se canta é a vida simples do quotidiano, com toda a sua singeleza e beleza, da qual se extraem regras de vida e um moralismo saudável e inquestionável. Este ambiente simultaneamente educativo e instrutivo muito agradava a alguns pais preocupados com a educação dos filhos. As críticas da época não deixam de destacar as qualidades formativas de *Canto Infantil*, ao serviço de uma ideologia específica, assim como o papel desempenhado a favor do canto coral nas escolas, embora algumas cheguem mesmo a considerar a simplicidade das composições como excessiva, ou seja, nos limites entre uma escrita para crianças e uma escrita infantilista<sup>13</sup>. Alguns poemas aproximam-se de um certo franciscanismo, que tentou o próprio Afonso Lopes Vieira como filosofia de vida: é o caso do «Sermão às Aves» ou do «Hino ao Sol» (Vieira, 1912b: 71-72 e 95-97). A Natureza, só por si, deveria ser suficiente e bastar-se a si própria, dando-nos uma lição de equilíbrio e medida que merecia ser aproveitada como regra de conduta para a vida. Encarnando tais regras de conduta, aparecem as figuras exemplares de Nuno Álvares Pereira, o herói que representa a independência e o amor à essência de Portugal (*idem*: 15-16), e de Camões, a voz através da qual uma nacionalidade se tornou mito (*idem*: 31-33). Convém referir que este mesmo poema foi publicado, pela primeira vez, em folha avulsa, sem data, com o título de *Hino a Camões*, mas com indicação de haver sido musicado por Tomás Borba, tendo a impressão sido feita em 1911. É fácil de compreender como esta pedagogia de valores essenciais de uma nacionalidade pode ter sido aproveitada por um regime político ditatorial, que acabou por adoptar «Portugal é lindo» (*idem*: 11-13) como hino ideológico. Os periódicos da época dão-nos bem a imagem do aproveitamento social e político de *Hino a Camões*:

*Canção patriótica por excellencia, é para desejar que os paes, os professores e educadores comprehendam o seu alcance, agora que o dia de Camões se aproxima, como o grande dia de festa portugueza. Não haverá mais bella*

<sup>13</sup> Eis alguns exemplos: «*Canto Infantil* é um mimo de graça e de beleza, tão leve e tão cheio de ternura como o coração dos pequenitos a quem é dedicado. Depois do delicioso trabalho *Animais Nossos Amigos*, Affonso LV, na missão evangelisadora que se propoz agora, vem dar-nos, com a collaboração delicada de Thomaz Borba e Raul Lino, mais uma prova da extraordinária cultura do seu espírito, de homem moderno, que tem a rara habilidade de construir sem demolir.» (AN, 1912z); «Bastaria o seu intuito nacionalizador – não se fala em todo ele senão da nossa terra, dos seus encantos e da sua graça – para merecer o meu louvor. Mas nem só essa grande e forte qualidade elle tem: – mais que todas as prêgações, do que todas as campanhas a favor do canto coral, deve este livro promover de maneira efectiva o aparecimento ou o desenvolvimento desse indispensavel instrumento educativo, cujo papel é tão grande em todos os países onde existe verdadeira vida escolar e, também, autentico espirito democratico, e que tão necessario se torna em Portugal para a criação de uma patria homogenea e forte.» (AN, 1912bb); «Com o *Canto Infantil* é toda uma nova era que principia. À força de decorar livros como este quando saberá o povo celebrar, com coraes opulentos, os grandes feitos que lhe dêem lustre e brilho?» (AN, 1912aa)

*consagração para o poeta que immortalizou Portugal do que fazer cantar o seu nome pelas crianças da sua pátria.* (AN, 1911ff).

Por proposta de Artur Lobo de Campos, então professor no Liceu Maria Pia, instituiu-se um prémio escolar «Domitília de Carvalho», constituído pelos livros *Animais Nossos Amigos* e *Canto Infantil* – uma importante consagração canónica alcançada por duas obras para crianças. Agostinho de Campos, também pedagogo oficial, não hesitava em qualificar *Canto Infantil* como imprescindível para um conceito de escola voltada para fora<sup>14</sup>. Em 1929, Oliveira Cabral continuava a considerar o *Canto Infantil* como «um dos melhores livros, senão o melhor, de canções para crianças, que em Portugal se têm publicado» (Cabral, 1929; *Rememoração*, vol. II, f. 63r), aconselhando as mães a acompanhar ao piano e a ensinar os filhos a entoar as canções deste livro. De um projecto pessoal, louvável, quis-se fazer um ideário político, de certo modo castrante, que acabou por envolver a própria obra de Lopes Vieira e por votá-la ao esquecimento nos últimos anos. Apesar de tudo, referindo-se recentemente a *Canto Infantil*, Garcia Barreto atribui a esta obra qualidades para continuar a interessar as crianças:

*É mais uma obra panegírica da História pátria e do nosso país, das suas belezas e dos seus heróis, a que falta sentido crítico, como é natural nas mentes demasiado apaixonadas por uma ideia. Mas do ponto de vista literário é obra de um verdadeiro poeta que alia à simplicidade das palavras, ritmo e musicalidade, tão agradáveis ao ouvido e tão fáceis de cativar e de serem apreendidas pelas crianças.* (Barreto, 1998: 33).

No esquecimento<sup>15</sup>, embora não obsoleto, tem também andado um famoso *Auto[zinho] da Barca do Inferno*, nunca publicado autonomamente e do qual a BML apenas possui um texto e um prólogo dactilografados<sup>16</sup>. Trata-se de uma peça infantil que parodia o auto homónimo de Gil Vicente e que acompanha as preocupações que

<sup>14</sup> Eis as suas palavras: «Por isso este livro do *Canto Infantil* merece bem o epíteto, que lhe demos, de benemerito. Em quasi todas as suas composições o Poeta mostra á creança a Natureza, sem a tapar indiscretamente com o seu próprio vulto. Arvores e animaes vêm-se ao perto, e quasi se podem apalpar. A onomatopeia, a eloquencia directa dos seres, expulsa o commentario moral impertinente. Assim devem ser a prosa, a poesia e o canto, para as primeiras idades infantis. [...] Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo, do que dar de cantar a quem não tem canções.» (Campos, 1912: *Rememoração*, vol. I, f. 84v).

<sup>15</sup> Devemos fazer referência a um outro texto dramático, destinado ao teatro de fantoches, que a BML adquiriu recentemente para o espólio de Lopes Vieira. Trata-se do texto manuscrito intitulado *Serenata Patarata* – autógrafa de Afonso Lopes Vieira (que transcrevemos em Nobre, 2005, II: 484-488). Com todas as probabilidades, esta pequena peça para fantoches fazia parte de um conjunto mais vasto de *brincadeiras literárias* com que o escritor brindava as filhas do amigo Raul Lino, animava culturalmente as festas da criança e também as festas escolares do chamado Colégio da Rosa, atrás referido, escola popular feminina com fins de beneficência (sedeada no rés-do-chão da residência de Lopes Vieira, no Largo da Rosa, dirigida por sua esposa, Helena Aboim, e sua sobrinha, Maria da Luz Wasa de Andrade). Nunca tendo sido referido qualquer texto com este título entre os muitos projectos do escritor, e apenas se encontrando uma breve referência a SP nos periódicos da época, esta pequena comédia infantil, para os fantoches de Raul Lino, foi representada no mesmo dia que *Autozinho [...]*, cujo prólogo foi salvo do esquecimento porque Lopes Vieira o incluiu na *Campanha Vicentina* em 1914, com as palavras: «“Dito” pelo personagem “Dom Roberto” na representação de fantoches em casa de Raul Lino em 12 de Fevereiro de 1913.» (Vieira, 1914: 33). A inclusão num tipo de discurso paródico é, de certo modo, autorizada pelas palavras acrescentadas pelo autor, em nota à edição de 1917 do *Diário de Notícias*.

<sup>16</sup> São 13 folhas dactilografadas, tamanho A4, escritas só da parte da frente, com o título *Autosinho / da / Barca do Inferno / por / Afonso Lopes Vieira* (BML, B79, n.º 33655). O Prólogo apresenta-se numa folha dactilografada, solta, 10 cm x 20,5 cm, e trata-se duma cópia do «Prólogo» original do *Autozinho da Barca do Inferno* (fantoches), n. d. (BML, B121, n.º 33665; Vd. Nobre, 2005, II: 481-483).

ao tempo faziam Lopes Vieira batalhar em *Campanha Vicentina*. O *Auto da Barca do Inferno (Parodia Infantil)*, com ilustrações de Raul Lino, representado em 1913 em casa de Raul Lino, no teatrinho de fantoches das filhas, gerou algumas expectativas de iniciar um ciclo de representações de «Teatro de Fantoches» que se estendesse do foro privado, como festividade anual, para o convívio com o público infantil<sup>17</sup>. Lopes Vieira e Raul Lino ambicionavam fazer uma divulgação de Gil Vicente adaptada à infância e à juventude e, numa entrevista concedida ao jornal *O Século*, em 10 de Fevereiro de 1915, o escritor fala sobre esse assunto, revelando o seu interesse pelo teatro de fantoches como um belíssimo instrumento ao serviço da educação infantil, ao mesmo tempo que dá uma justificação para a inoperância desse projecto:

*Pois dois grandes artistas da nossa terra, o poeta Afonso Lopes Vieira e o arquiteto Raul Lino, mantem ainda uma vez por ano o culto d'esse teatro que fez as nossas delicias de pequeninos, solenizando com recitas famosas o aniversario de duas crianças encantadoras que são as filhas de Raul Lino. § O arquiteto construiu o lindo teatro. § O poeta escreve para os atores de pau pequeninas peças de exito antecipadamente seguro, e adapta autos do mestre Gil tornando-os facilmente compreensíveis da platéa inculta dos pequeninos espectadores. [...]*

— *Porque motivo não fazer uma exhibição publica de tão interessante teatro?*

[... ALV:] — *Pensou-se em tempo, realmente, n'essa exhibição. É evidente que só em excepcionaes circunstancias podiamos levar para um tablado publico o que bem recatadamente se tem conservado na intimidade de um lar feliz. Essas circunstancias ofereceu-as a idéa de organização de uma recita, no nosso Nacional, em favor do poeta da «Vida de Jesus». Seria um número interessante, original e inedito, que eu precederia de uma conferencia sobre a origem d'esse curiosissimo teatro, que pouca gente sabe nascido nas cathedraes goticas, logrando já a honra de ter representado em Inglaterra, no seculo XVII, o Julio César do grande Shakespeare. Por motivos que me abstenho de apreciar, uns outros que mesmo ignoro, essa recita não se fez e D. Roberto não saiu da sua caixa de papelão.*

*E aí está como Gil Vicente não foi representado no Teatro Nacional por atores de madeira, bem melhores, certamente, que muitos de carne e osso do nosso conhecimento. (AN, 1915o)*

O texto de *Autozinho [...]*, como ficou conhecido para se distinguir da adaptação para adultos, foi publicado no suplemento literário do *Diario de Noticias Illustrado*, n.º 26, do Natal de 1917, e também em *O Comércio do Porto de Natal*, n.º 33, da mesma data, e foi dedicado às filhas de Raul Lino, Maria Christina e Isolda. Pela nota que

<sup>17</sup> Uma notícia publicada nos *Anais da Academia de Estudos Livres* refere-se a estes «Espectaculos para creanças» como importante instrumento educativo e como exemplo ou incentivo para uma utilização pedagógica do teatro de fantoches: «Ha pouco mais dum mez, de colaboração com o sr. Raul Lino, realisou o nosso amigo sr. dr. Afonso Lopes Vieira um interessante espectáculo de fantoches, que teve por assistentes uma encantadora assembléa de creanças. O facto passou desapercibido apesar da alta importancia educativa que teve. O ilustre poeta representou, alem duma farça, a adaptação do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Segundo nos contou obteve um verdadeiro exito. § Havemos de experimentar o caso na Escola Marquez de Pombal. § É preciso deslocar os portuguesissimos fantoches dos tablados das feiras para os jardins das nossas escolas. Substituir os discursos que empanam sempre o brilho nas nossas festas escolares, [...] dizer ás creanças cousas graciosas e profundas, que as alegrem e eduquem.» (AN, 1913b)

acompanha esse texto, ficamos a saber que a peça tinha sido representada alguns anos antes (mais precisamente em 1913) e que o autor a teria criado com intuitos claramente didáticos e moralistas<sup>18</sup>. O educador, que já tinha assinalado a poesia infantil com os seus poemas-cantigas, a narrativa para a infância com a epopeia em prosa poética de *Bartolomeu Marinheiro*, procurava com esta iniciativa cobrir o género dramático infantil, seguindo o método já anteriormente adoptado – indo às origens e ressuscitando o maior dramaturgo da história literária portuguesa: Gil Vicente. Lopes Vieira consegue os intentos de uma «moralidade proporcionada a seus [das crianças] entendimentos» através de uma arte aconselhada pela moderna pedagogia, de dar às crianças aquilo que estas podem reconhecer no seu mundo de experiências – o individual conhecido ou reconhecível a partir do qual se chega ao colectivo desejável. Dessa estratégia fazem parte as personagens, alegorias de alguns «pecados» que atormentam os mais novos e os mais velhos: o Guloso, o Soberbo, o Mentiroso, o Fingido, a Mexeriqueira, o Homem que cortou as árvores, o Homem que fez mal aos animais. Só dois professores de instrução primária emergentes no fim do auto, quais paladinos do saber e de uma forma de estar correcta, são conduzidos ao Paraíso, pela mão do anjo. Obviamente, trata-se de uma moralidade maniqueísta em que não há opção entre o bem e o mal, mas o que nos importa é realçar a presença dos mesmos princípios *ecologistas* de defesa da natureza e dos animais, que vêm na continuidade da obra anterior, mantendo toda a actualidade.

Depois de mais de 10 anos de ausência, em que a obra poética de Lopes Vieira para adultos vai ganhando um espaço peculiar e de reconhecimento, sobretudo através de *Canções do Vento e do Sol* (1911), de *Ilhas de Bruma* (1917), de *Canções de Saudade e de Amor* (1918) e de *País Lilás, Desterro Azul* (1922), aparece uma nova obra para jovens, desta vez numa nova arte, o cinema, a demonstrar a avidez do escritor por todas as formas de arte, mas também a alma de pedagogo, que pretende pôr ao serviço do público os últimos inventos da técnica. Referimo-nos a *O Afilhado de Santo António* – filme infantil – adaptação de um conto popular português e realização para cinema de Lopes Vieira (cujo texto/guião não conseguimos encontrar, até ao momento, no espólio da BML, mas do qual há uma larga notícia e um resumo do argumento na revista *Cinéfilo*, 1.º Ano, n.º 1, de 2 de Junho de 1928, pp. 15 a 18). Esta breve informação é bastante importante, por nos mostrar uma faceta menos conhecida de Lopes Vieira – a relação com a 7.ª arte – perfeitamente incluída no desejo já manifestado de instrução alargada, que pudesse chegar a um público cada vez maior, através de meios mais aliciantes e agradáveis. Esta experiência cinéfila para crianças, que não sabemos se foi a primeira ou o fruto de anteriores tentativas, ajuda-nos a perceber o seu empenhamento em filmes como *Camões*, estreado apenas em 1947, um ano após a morte do escritor.

Uma outra vertente da obra de Lopes Vieira diz respeito à adaptação de obras consideradas fundadoras da nossa cultura literária, por razões diversas, em que se incluem a publicação em línguas estrangeiras ou o tamanho exagerado da obra, inacessíveis ao público. O seu projecto consistiu em restaurar essas obras fundamentais, restituindo-as

<sup>18</sup> «NOTA – Relendo, a alguns annos de distancia da tarde encantadora em que foi estreada, esta peçazinha, encontro-lhe o mérito de ser a primeira tentativa de theatro portuguez tradicional que se busca suggerir ás creanças, numa Moralidade proporcionada a seus entendimentos e seus gostos. Sendo propriamente uma brincadeira, escrita para divertir pequenos amigos, não deve este Auto ser considerado como uma paródia, mas como um reflexo em que as creanças poderão adivinhar uma velha obra-prima da sua Patria.» (Vieira, 1917a)

à língua da contemporaneidade e remodelando-as em função de um programa de leitura, como dizemos modernamente. Desse projecto saíram obras-primas como *O Romance de Amadis* (1922), *A Diana de Jorge de Montemor* (1924) e o *O poema do CID* (1929), a parte da obra que mais motivos de orgulho trouxe a Lopes Vieira. Por isso, não podia esquecer as crianças. Assim, no Natal de 1938, publica *O Conto de Amadiz de Portugal para os rapazes portugueses*, com desenhos de Lino António. É interessante continuarmos a notar uma predisposição do escritor para publicar obras para crianças na época festiva do Natal, mas um estudo sociológico e de mercado mostrar-nos-ia como isso faz parte de um posicionamento estratégico do escritor, conhecedor da dependência do público, em primeiro lugar, da hipótese de aquisição do livro facilitada pela época natalícia, como acontecia desde o tempo de Eça. Mas é também um sinal claro de que a abundância do mercado de livros para a infância e juventude (bem como a qualidade a eles associada<sup>19</sup>) não era ainda grande, e daí que se aguardasse a altura mais propícia.

A leitura de *O Conto de Amadiz de Portugal* não pode fazer-se sem uma comparação prévia com *O Romance de Amadis*, e sem considerar algumas das polémicas por ele suscitadas, para chegarmos à conclusão das evidentes preocupações didácticas e moralistas espelhadas na obra para crianças. *O Conto de Amadiz de Portugal para os rapazes portugueses* é, sem dúvida, um belo conto para rapazes e para raparigas, embora inicialmente Lopes Vieira sentisse algumas dificuldades de redacção. Mas o resultado foi satisfatório e, quase 40 anos depois, em 1973, aparecem excertos de *O Romance de Amadis* incluídos num livro da editora Verbo claramente destinado a um público juvenil – as *15 Epopeias de Cavalaria* – o que demonstra a longevidade do tema e o interesse arquetípico que continua a levantar.

O programa de Lopes Vieira não devia acabar por aqui. Na sequência do êxito com *Animais Nossos Amigos*, os autores chegam a anunciar um outro livro destinado à infância, intitulado *Cavaleiros e poetas de Portugal*,<sup>20</sup> não publicado. Pela previsibilidade anunciada pelo título, podemos imaginar que continuaria numa linha de divulgação dos ilustres heróis da espada e da palavra portuguesas. Sabe-se de um projectado livro *Fernão Mendes no Japão (com ilustrações japonesas)*<sup>21</sup>, anunciado, mas nunca publicado, e de um livro sobre botânica, *Mar Piqueno* ou *Flores do Mar*, de parceria com Matilde Bensaúde, cujo estado avançado de projecto permitiu a Lopes Vieira imaginá-lo publicado por

<sup>19</sup> Agostinho de Campos, em carta datada de 31 de Dezembro de 1938, refere-se a estas duas faces de uma mesma moeda (a qualidade gráfica e a qualidade literária): «Acariciei primeiro, com olhos e dedos, a edição perfeita do seu *O Conto de Amadiz de Portugal*; depois saboreei-lhe o texto, admirando por um lado a arte de transposição para as idades felizes, e por outro a da expressão, tão seriamente cuidada e escolhida, tão distante da miséria que por aí vai no que toca à escrita literária, ou pseudoliterária.» (BML, *Cartas [...]*, vol. XI)

<sup>20</sup> No espólio da BML, num artigo anónimo intitulado «Chronica Literaria», com uma resenha de *Animais Nossos Amigos*, faz-se referência a um novo projecto destinado à infância e à juventude: «promettem-nos [Afonso Lopes Vieira e Raul Lino] para breve um outro volume *Cavaleiros e Poetas em Portugal*, onde decerto as suas notáveis qualidades se porão mais uma vez em brilhante relevo.» (AN, 1911II; *Rememoração*, vol. I, f. 62v). Também uma crónica de Luis da Camara Reis se refere a essa obra como volume anunciado para breve: «Um formosíssimo livro, em resumo, que nos faz esperar com ansiedade a nova obra para as crianças, dos 2 grandes artistas: *Cavaleiros e Poetas de Portugal*.» (Reys, 1911)

<sup>21</sup> No espólio da BML existe uma colecção de 12 gravuras com pinturas orientais, japonesas, que suspeitamos se destinariam ao planeado *Fernão Mendes no Japão* (BML, A79, n.º 32876). Há também uma folha manuscrita com a capa do projectado livro, datada de 1918, e um rascunho autógrafo que deveria servir de primeira versão ou de introdução para esta obra (BML, B43, n.º 33396). Vd. II vol. da tese, Parte II, 9. Poemas e apontamentos diversos, pp. 245-6.



alturas da Páscoa de 1916<sup>22</sup>. Há notícia de uma *Vida de Nun'Alvares para os pequeninos*, que até hoje não apareceu<sup>23</sup>, cujo projecto deve ter nascido na sequência das cerimónias de trasladação de D. Nuno Álvares Pereira, em que o escritor muito se empenhara e que tinha encarado como um momento simbólico de enaltecimento dos heróis pátrios<sup>24</sup>. E é caso para perguntarmos se as Fábulas – «O Lobo e o Cão», «A Ran e o Boi», «A Montanha parindo um Rato» – publicadas na revista mensal de *Philosophia, Scienza e Arte, Dionysos*, em Maio de 1912, nas pp. 222-226, não poderiam também ser incluídas nesta vertente da sua obra, do mesmo modo que as Fábulas de Esopo, de Fedro ou de La Fontaine são hoje quase unanimemente consideradas tipos/géneros da literatura para a infância. Entre os vários recortes de jornal do espólio de Lopes Vieira, encontra-se um que contém 6 fábulas – «A Cigarra e a Formiga», «Mons Parturiens», «O Burro Moribundo», «A Ambiciosa Rã», «O Cão e a Sombra», «O Lobo e o Cordeiro» – ao qual, numa caligrafia que parece ser a de Lopes Vieira, se juntou a data de 1914-16. Pelo menos a versão aí apresentada de «A Cigarra e a Formiga» é muito semelhante à que aparece em *O Conto de Amadiz de Portugal* (1938). E em 1935, ao lado de Aquilino Ribeiro, Virgínia Lopes de Mendonça, Olavo d'Eça Leal, Acácio de Paiva, Maria Lamas, Lopes Vieira colaborou com o semanário infantil *O Gaiato*, dirigido com dinamismo e inteligência por Alice Ogando. No n.º 4 deste semanário, aparecem duas reescritas da fábula clássica «A Cigarra e a Formiga» – «Fábula mentirosa» e «Fábula verdadeira». Leitor de Fabre, naturista que pela primeira vez se dedicou ao estudo da vida, hábitos e instintos dos insectos, o escritor desmonta as ideias feitas sobre a preguiça da cigarra, confrontando-as com as descobertas recentes da ciência e repondo a necessidade e a utilidade dos hábitos e do canto da cigarra, simbolicamente aparentados com os do poeta.

Resta saber se o que encontramos, ainda hoje, na obra de Lopes Vieira para a infância e para a juventude, corresponde ao sentimento de gratidão saudosista por um tempo de formação definitivamente ultrapassado, sentimento frequente entre os

<sup>22</sup> Em carta datada de 2 de Julho, provavelmente de 1915, Afonso Lopes Vieira fala a Leonor Rosa de alguns projectos de escrita, entre os quais se encontra o livro conjunto com Matilde Bensaúde: «Brevemente chega aqui Matilde Bensaude, q. vem trabalhar comigo num livrinho de historia natural p.ª crianças – o *Mar Piqueno* (uma poça de agua do mar). Mas estou tam pouco treinado!» Em 18 de Julho de 1915, acrescenta algo mais sobre o projecto: «Quanto ao *Mar Piqueno* q. eu quero q. se chame antes *Flores do Mar* (o q. a mh.ª colaboradora, por espirito scientifico, não aceitou ainda inteiramente), vai caminhando bem, tendo eu apenas notas tomadas, para trabalhar depois repousadamente, porq. o livro não sahirá senão para a Pascoa. Póde e deve ser uma obrzinha mt.º original e cheia de poesia da natureza. Todos os dias Matilde B. me lê algum esboço de capitulo, feito ou refeito no eirado, antes do almoço, à sombra do guarda-sol azul.» (BML, A125, n.ºs 33783 e 33793-4).

<sup>23</sup> No espólio da BML encontra-se um recorte do jornal *Monarquia*, datado de Agosto, provavelmente do ano de 1919, onde se pode ler esta notícia sobre Afonso Lopes Vieira: «Temos uma boa nova a dar aos nossos leitores. Na sua casa de S. Pedro de Muel, Afonso Lopes Vieira, com o seu coração enternecido de poeta, prepara uma *Vida de Nun'Alvares para os pequeninos*. Português como ninguém, ele é o condestavel da nossa sensibilidade. Defende-a e mantem-a com a pureza admiravel do seu lirismo. Assim a sua obra entre mãos é mais uma bela acção de defeza para a integridade emotiva das gerações de amanhã. Bem haja Afonso Lopes Vieira e que essa *Vida de Nun'Alvares* não tarde, porque o nosso espirito tem sede e tambem se quer refrescar na agua limpida da fonte.» (BML, C17, n.º 33816; AN, 1919b: *Rememrança*, vol. I, f. 125v)

<sup>24</sup> Vd. espólio da BML, *Rememrança*, vol. I, fs. 123r a 125v, onde se encontram vários recortes de jornal da época, que permitem seguir a polémica levantada por Afonso Lopes Vieira contra o modo pouco digno que se projectava dar às cerimónias de trasladação, bem como as alternativas por ele propostas.

mestres-escola que se serviram destes livros para as várias práticas pedagógicas<sup>25</sup>. O mesmo sentimento que Teixeira Gomes tinha descrito na elogiosa crítica que fez a *Animais Nossos Amigos*, em «A Educação pela Arte», em 1911:

*Mais tarde, os homens feitos verificarão que a fonte do seu mais puro goso espiritual se alimentou em grande parte das imagens e nos poemas d'esse prodigioso companheiro de infancia. E não podendo recordar exactamente nem as gravuras nem as canções do velho livro esquecido, elles experimentarão, ao tentar reconstituil-as, um prazer infinitamente subtil, só comparavel áquelle que produzem essas figuras que a imaginação, ainda melhor do que os olhos, descobre, completa e anima, nas velhas tapeçarias puidas – que representarão n'este caso os fastos da sua infancia.* (Gomes, 1911)

Não muito longe desta perspectiva, Italo Calvino considera as repercussões formativas das obras lidas na fase da infância e da juventude e encontra nessas leituras, perdidas na nebulosa da infância, sementes que explicam o todo do adulto, numa evidente afirmação da literatura como vertente principal de uma *estética da identificação*:

*De facto as leituras da juventude podem ser pouco profícuas, por impaciência, distracção, e inexperiência das instruções para o uso e inexperiência da vida. Podem ser (se calhar ao mesmo tempo) formativas, no sentido de darem uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, conteúdos, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: tudo coisas que continuam a agir, mesmo que do livro lido na juventude se recorde pouquíssimo ou mesmo nada. Ao reler o livro em idade madura, acontece reencontrarem-se estas constantes, que agora já fazem parte dos nossos mecanismos internos e de que tínhamos esquecido a origem. Há uma força especial da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sementes.* (Calvino, 1994: 8)

Como um instrumento essencialmente formativo, ainda mais do que pelo deleite estético proporcionado, o cânone para a infância e juventude produzido por Lopes Vieira é de uma positividade completa, fornecendo valores e modelos de actuação patrióticos, ecológicos, cívicos, numa palavra, humanos. E, acima de tudo, numa *pura linguagem*, a qualidade máxima que, segundo o escritor, salvava até os livros escolares mais retrógrados:

*Aquelas cinzentas Selectas por onde se lia nas classes de português antes dos livros actuais, tinham a vantagem de, uma vez na vida!, lerem os portugueses uma pouca de pura linguagem. Sempre no fundo das memórias ficaria a límpida*

<sup>25</sup> É perfeitamente exemplificativa desta perspectiva a carta de Adolfo Lima, datada de 2 de Maio de 1943: «Na minha vida de humilde mestre-escola, na preocupação de uma educação estética da Infância, o poeta Afonso Lopes Vieira foi o meu melhor auxílio pelas magníficas poesias que lhe dedicaste e que sentia e interpretava com entusiasmo, quer em recitativos de Arte de Dizer, quer em canções. § Sem a menor sombra de lisonja, foste o Poeta dos pequeninos que também soubeste falar-lhes à sua sensibilidade e mentalidade. Não houve em Portugal outro poeta que melhor conhecesse a criança. § Se eu tivesse categoria e consideração social, a homenagem, que te promoveria, seria toda por crianças, que, em romaria, te levariam flores de agradecimento pela obra que lhes consagraste.» (BML, *Cartas [...]*, vol. XI)

*recordação de um ritmo – longínquo rumor das asas da astuta cotovia do apólogo...* (Vieira, 1922b: 354)

Na verdade, as *tentações de estética pura*, que preencheram em grande parte as reformulações do cânone do passado, seja o que pretendia devolver aos portugueses a ancestral voz lírica, seja o que quis restituir os valores específicos da portugalidade, foram mais do que simples conceitos ideais; transformaram-se, algumas vezes, em repertórios com programas de acção. É nesse encontro com a acção que a força ética dos modelos canónicos disseminados por Lopes Vieira se continua a poder ler. Das suas obras canónicas espera-se que forneçam conhecimento sobre o mundo, que exemplifiquem atitudes possíveis, ou produzam modelos artísticos, e que actualizem a partilha dos valores da cultura do passado no presente, fornecendo os meios para tornar possível a leitura das obras clássicas do passado português (originariamente ou por recuperação), merecedoras de conhecimento e de amor, isto é, incluídas no cânone onde se pode inscrever o horizonte do futuro. Nesse futuro que é o hoje presente da obra produzida por Lopes Vieira ficaram vagas recordações, pontos brilhantes no passado da nossa história da literatura, algumas referências culturais obrigatórias, glórias atemporais resguardadas no recôndito sótão da memória cultural.

A sementeira para a infância e juventude de Lopes Vieira continua hoje a produzir frutos, frutos remanescentes da pura estética que o assombrou toda a vida.

## Referências Bibliográficas

- ▶ ALMEIDA, V.C. (1912b). Chronica literária. In *Rememrança*, vol. I, f. 90v.
- ▶ BARRETO, G. (1998). *Literatura para crianças e jovens em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- ▶ BARROS, J. (1911a). Litteratura Infantil. *Animaes Nossos Amigos* por Affonso Lopes Vieira e Raul Lino. In *A Capital* (9 de Novembro de 1911); in *Rememrança*, vols. I, f. 62r.
- ▶ BARROS, J. (1911b). *A Nacionalização do Ensino*. S. l.: Ferreira Eds.
- ▶ CALVINO, I. (199). *Porquê Ler os Clássicos?*, (trad. de J. Colaço Barreiros), pp. 7-13. Lisboa: Teorema.
- ▶ CAMPOS, A. (1912). *Casa de pais, escola de filhos*. XXV Dois livros. S. l., s. n., s. d.
- ▶ CAMPOS, A. (1916). Escola e Região. In *Comercio do Porto* (5 de Julho de 1916); in *Rememrança*, vol. I, f. 117v.
- ▶ CAMPOS, A. (1925). Afonso Lopes Vieira (Verso e Prosa). In CAMPOS, A. (org. e pref.) *Antologia Portuguesa*. Lisboa: Lvr. Aillaud & Bertrand.
- ▶ CAMPOS, A.L. (1922). *A Poesia de Affonso Lopes Vieira*, Conferência realizada a 14 de Janeiro de 1922 na festa comemorativa do 22.º aniversário da Fundação do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, p. 20. Lisboa: Tip. da Liv. Ferin.

- ▶ CASTRO, L. (1911). *Cronica Agricola. Animais nossos amigos*. S. l., s. n., s. d. In *Remembrancha*, vol. I, f. 63v e 64r).
- ▶ GOMES, M.T. (1911) *A Educação pela Arte*. In *Lucta*; in *Remembrancha*, vol. I, f. 62r.
- ▶ LEMOS, E. (1972). *A Literatura Infantil em Portugal*. Exposição de Livros Infantis – 16 a 31 de Outubro. Lisboa: Ministério da Educação Nacional, Direcção Geral da Educação Permanente, Ciclo de conferências sobre Literatura Infantil.
- ▶ MARTINS, R. (1946). *A Afonso Lopes Vieira... das crianças portuguesas*. In *Novidades*, supl. Letras e artes, p. 4.
- ▶ NATIVIDADE, M.V. (1912). *Afonso Lopes Vieira*. S. l., s. d., in *Remembrancha*, vol. I, f. 78v.
- ▶ NOBRE, C. (2005). *Afonso Lopes Vieira. A reescrita de Portugal*, vol. I; *Inéditos*, vol. II. Lisboa: IN-CM.
- ▶ PESSOA, F. (1913). *Naufragio de Bartholomeu*. In *Teatro*, rev. de crítica, ano I, n.º 1, Lx., 1 de Março, p. 6 e apud *Apreciações Literárias. Bosquejos e esquemas críticos*, pp. 191-193, (sel. e notas de Pedro da Veiga). Porto: Ed. Cultura.
- ▶ QUEIRÓS, E. (n. d.). *Literatura de Natal. Cartas de Inglaterra (1877-1882)*. *Obras de Eça de Queiroz*, vol. II, pp. 524-527. Porto: Lello & Irmão.
- ▶ RAPOSO, H. (1911). *Palavras ao vento. Presente do Natal*. S. l., s. n., s. d. In *Remembrancha*, vol. I, f. 65r.
- ▶ REYS, L. (1911). *Paginas alheias; Animaes nossos amigos*. S. l., s. d., *Remembrancha*, vol. I, f. 62v.
- ▶ ROCHA, N. (1998). *Portugal*. In *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*, pp. 731-734. Londres e Nova Iorque: P. Hunt, Routledge.
- ▶ SÉRGIO, A. (1916). *Cartas sobre a Educação Profissional. Educação Profissional na Casa das Crianças e na Escola Primária*, escritas ao director da Academia de Estudos Livres, Biblioteca da Educação. Porto: Renascença Portuguesa.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1911a). *A João de Deus*. Na inauguração do Jardim-Escola. Lisboa: França Amado.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1911b). *Canções do Vento e do Sol*. Lisboa: A Editora.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1911c). *Animais Nossos Amigos*. Ilustrações de Raul Lino, grav. de P. Marinho. Lisboa: Livraria Ferreira (1.ª ed.); (1920). *Animales Amigos*, trad. de I. Ribera-Rovira e Fernando Maristany, ilustrações de Raúl Lino y Arturo Ballester. Barcelona: Cervantes (2.ª ed.); (1931). *Animais Nossos Amigos*. Versos de Afonso Lopes Vieira, ilustrações de Maria de Lourdes. Lisboa: Natal: Portugal-Brasil Nova edição (3.ª ed.); (1931). *Animais Nossos Amigos*, ilustrações de Maria de Lurdes, nova edição realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias. S. d. (rep. 3.ª ed.); (1973). *Animais Nossos Amigos*, ilustrada por Eugénio Silva. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. (4.ª ed.); (1992). *Animais Nossos Amigos*, Ilustrações de Raul Lino. Ed. sg. a 1.ª ed. Lisboa: Livros Cotovia (5.ª ed.); (1997). *Animais Nossos Amigos*, ilustrações de Isabel Favila, col. Lendas e Contos. Lisboa: Vega (6.ª ed.).

- ▶ VIEIRA, A.L. (1911d). *Hino a Camões. Para as crianças portuguesas*. Lisboa: s. n.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1912a). *Bartolomeu Marinheiro* (ilustrações de Raul Lino). Lisboa: Livraria Ferreira. (1.ª ed.); (1955). *Bartolomeu Marinheiro*, decorações de João Carlos, nova edição para as Bibliotecas das Escolas Primárias, segundo as emendas definitivas feitas pelo autor sobre a 1.ª edição. Lisboa: Bertrand. (2.ª ed.); (1992). *Bartolomeu Marinheiro*, Ilustração de Raul Lino, ed. sg. a 1.ª ed. Lisboa: Livros Cotovia. (3.ª ed.).
- ▶ VIEIRA, A.L. (1912b). *Canto Infantil*. Música de Tomás Borba, ilustrações de Raul Lino, gravuras de Th. Bordalo Pinheiro. Lisboa (Primavera): Tipografia A Editora (1.ª ed.); (1916). *Canto Infantil*. Música de Tomás Borba. Lisboa (Outono): Aillaud, Alves & C.ª. (2.ª ed.); (1931). *Canto Infantil*. Música de Tomás Borba, ilustrações de Raul Lino. Biblioteca dos Pequenininos, número extraordinário. Lisboa (Páscoa): Empresa Nacional de Publicidade (3.ª ed.).
- ▶ VIEIRA, A.L. (1912c). As nossas creanças. In *A Capital*, n.º 544, 2.º ano, 4 de Fevereiro.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1914). *A Campanha Vicentina*. Lisboa: Páscoa.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1915). *Poesias sobre as Scenas Infantis de Shumann*. Desenhos de Raul Lino. Lisboa: Primavera.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1917a). Auto da Barca do Inferno (Paródia Infantil). Ilustrações de Raul Lino, (representado em casa de Raul Lino, no teatro de suas filhas). In *Diário de Notícias Ilustrado*, n.º 26, Natal de 1917 e *O Comércio do Porto de Natal*, n.º 33, Natal de 1917.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1917b). *Ilhas de Bruma*. Coimbra: Oficinas de Francisco França Amado.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1918). *Canções de Saudade e de Amor*. Poesias de Affonso Lopes Vieira, Música de Ruy Coelho. Lisboa: Valentim de Carvalho e A Editora. (1.ª ed.).
- ▶ VIEIRA, A.L. (1922a). *País Lilás, Desterro Azul*. Lisboa: Portugal-Brasil.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1922b). *Em Demanda Do Graal*: Lisboa: Portugal-Brasil.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1922c). *O Romance de Amadis, Composto sobre o Amadis de Gaula de Lobeira*. Lisboa: Portugal-Brasil. (1.ª ed.).
- ▶ VIEIRA, A.L. (1924). *A Diana de Jorge de Montemor, Em português de Affonso Lopes Vieira*. Lisboa: Portugal-Brasil. (1.ª ed.).
- ▶ VIEIRA, A.L. (1928). O Afilhado de Santo António. Adaptação de um conto popular português e realização para cinema de A.L.V. (exibido em público pela primeira vez numa festa de caridade no Teatro do Gimnasio, em a noite de 16 de Maio de 1928), notícia e resumo do argumento. In *Cinéfilo*, 1.º Ano, n.º 1, 2 de Junho de 1928, pp 15-18.
- ▶ VIEIRA, A.L. (1929). *O poema do CID; Versão em prosa da gesta castelhana do séc. XII «cantar de mio Cid»*. Lisboa: Portugal-Brasil. (1.ª ed.).
- ▶ VIEIRA, A.L. (1935). A Cigarra e a Formiga. Fábula mentirosa. Fábula verdadeira. In *O Gaiato*, n.º 4, semanário infantil pp. 8-9.

- ▶ VIEIRA, A.L. (1938). *O Conto de Amadiz de Portugal para os Rapazes Portugueses*. Desenhos de Lino António. Lisboa: Livraria Bertrand (1.ª ed.); (1957). *O Conto de Amadiz de Portugal para os Rapazes Portugueses*, desenhos de Lino António, nova ed. por intervenção do serviço de escolha de livros para as Bibliotecas das Escolas Primárias. Lisboa: Imp. Portugal-Brasil para a Livraria Bertrand (2.ª ed.); (1966). *O Conto de Amadiz de Portugal para os Rapazes Portugueses*, desenhos de Lino António. Lisboa: Bertrand. (3.ª ed.).
- ▶ VIEIRA, A.L. (1942). *Nova Demanda do Graal*. Lisboa: Bertrand.

### **Artigos anónimos de imprensa (*Rememoração*, vols. I e II, álbuns de recortes do espólio da BML):**

- ▶ AN (1910d). *Saraus de Poetas. Conferencia de Affonso Lopes Vieira*. S. I., (R, I: f. 41v).
- ▶ AN (1911ff). *Para as Crianças Portuguezas. Hymno a Camões*. S. I., (R, I: f. 60v).
- ▶ AN (1912n). O sarau vicentino. In *Republica*. S. I., (R, I: f. 69v).
- ▶ AN (1912z). Notas Bibliographicas. *Canto Infantil* (versos de Affonso Lopes Vieira, música de Thomaz Borba e ilustrações de Raul Lino). *Mala da Europa*, (R, I: f. 77r).
- ▶ AN (1912aa). Arte para crianças. *Canto Infantil* (versos de Afonso Lopes Vieira, musica de Tomaz Borba, ilustrações de Raul Lino). In *O Século*, (R, I: f. 77r).
- ▶ AN (1912bb). Um Livro Util. *Canto Infantil* (versos de Afonso Lopes Vieira. Musica de Thomaz Borba. Desenhos de Raul Lino). S. I., (R, I: f. 77v).
- ▶ AN (1912rr). Arte para crianças. *Bartolomeu Marinheiro*. Um pedaço de historia e de lenda posto em verso por Afonso Lopes Vieira. Sl., (R, I: f. 88r).
- ▶ AN (1913b). Espectaculos para creanças. *Anais da Academia de Estudos Livres*, (R, I: f. 91v.).
- ▶ AN (1913i). Affonso Lopes Vieira. Gentileza do poeta – Uma lembrança-premio ás principaes escolas – O livro *Bartholomeu Marinheiro* – *As Ondas*, poesia do mesmo – Genero litterario do livro – Apreciações a outros livros do mesmo genero – Como será distribuido o prémio. In *Diário da Madeira*, (R, I: f. 98v).
- ▶ AN (1915o). Fantoques. O teatro dos Pequeninos. A idéa gentil de dois grandes artistas. In *O Século*, 10 de Fevereiro de 1915, (R, I: 111r)
- ▶ AN (1946b). No funeral de Afonso Lopes Vieira. O Discurso de Hipólito Raposo; A morte de Afonso Lopes Vieira. O que disse a imprensa; e Um inédito de Afonso Lopes Vieira. A Carta-Prefácio da 2.ª edição de *A Guerra de África em 1895*, de António Ennes, a sair brevemente. In *Aléo*, n.º 19, ano IV, série IV, 2 de Fevereiro, pp. 5-8.